



EDITORIAL

Maryuri Mora Grisales*

Depois de muito trabalho, Mandrágora 18 coloca em nossas mãos novas e intrigantes discussões ao redor de dois eixos transversais da revista: “Religião e sexualidade”. Esta edição reúne artigos inéditos que, temos certeza, contribuirão no propósito de ampliar o debate no campo dos estudos sobre feminismos, gênero e religião. A amplitude do tema possibilitou diferentes enfoques e perspectivas teóricas, principalmente na área das ciências humanas. Foram abordadas questões como: a corporeidade e os discursos religiosos, a(s) sexualidade(s) dentro de instituições religiosas, homossexualidade e religião, bíblia e sexualidade, teologia e formas de viver a sexualidade no cotidiano, entre outras.

Durante o processo de constituição desse número da revista estivemos diante de assuntos polêmicos. Histórica e politicamente falando, sexualidade e religião se apresentam na cultura ocidental como mutuamente excludentes. Discursos de negação da sexualidade, controle dos corpos (principalmente das mulheres) e demonização dos desejos, elencados através da história por teólogos, sacerdotes, lideranças e instituições religiosas, são conhecidos por perpassarem instituições sociais como a família e a escola, – enquanto “estruturas estruturantes” da cultura – e inclusive por inspirar, e determinar (de maneira negativa) a legislação de um país.

A sexualidade, como a conhecemos, é um artifício discursivo poderoso, mas historicamente insuficiente, limitado e, por tanto, precário. Nesse sentido, concordo com Marcella Althaus-Reid quando chama a atenção para o fato de o sexo ser uma categoria tão instável como a de “Deus”, não podendo ser fixada com certezas para sempre (2005, p. 103). Somos chamadas/os, pois, a descobrir, recriar e reinventar tais

* Doutoranda em Ciências da religião da Universidade Metodista de São Paulo.

categorias. Eis um processo de desconstrução e reconstrução constante. É um caminho longo, no qual entramos com imaginação, criatividade e, sobretudo, cientes do poder que tal ação política e pedagógica sugere. O corpo, também existente na sua precariedade discursiva é, por sua vez, o elemento sobre o qual se inscrevem as ideias, as normas e as práticas de sexualidade. Por esta razão, em mandrágora 18 o corpo é assumido como centralidade, na sua realidade (e possibilidade) religiosa, política e epistêmica. Elencado como elemento central da discussão feminista, descobrir a materialidade e abrangência do corpo relativiza os limites do privado e do político, assim como do religioso e do secular, contribuindo na superação dos binarismos constituintes da sociedade ocidental. O corpo enquanto *lugar concreto de “múltiplas e multiplicativas”* opressões – usando a expressão de Schüssler Fiorenza – é portanto um *lócus* de politização, transformação e busca por emancipação, no seu sentido amplo. É, pois, no intuito de se enveredar por esse caminho que nasce nossa mandrágora 18.

Contamos nessa edição com um grupo diversificado de autoras e autores de diferentes áreas que articulam uma análise da religião como fenômeno humano e social à categoria de gênero, aos feminismos e/ou às teorias *queer* - dentro e fora do Brasil. Na área da antropologia social, o texto de Jacqueline Teixeira, traz uma ampla discussão sobre os direitos reprodutivos na IURD. O artigo de Alexandre Melo Franco Bahia e Daniel Moraes dos Santos, na área do direito discute o percurso histórico nas tentativas de incluir a proteção aos homossexuais na Constituição brasileira, chamando a atenção para o importante papel da religião no reforço de posições contrárias ao reconhecimento dos direitos dos homossexuais no país. No campo da história, Eduardo Maranhão Filho apresenta algumas ambiguidades no discurso da Bola de Neve Church (BDN) sobre sexualidade, gênero, corpo e afetividade. Nas ciências da religião Ofir Maryuri Mora elenca a importância do cotidiano como possibilidade hermenêutica entre as mulheres protestantes colombianas lidando com discursos sobre corpo e sexualidade no seu dia a dia.

Desde os Estados Unidos, a teóloga Mary Hunt aborda o tema AIDS e religião, mostrando a relação complexa do cristianismo com a epidemia, assim como evidenciando e criticando a retórica de um tipo de discur-

so religioso que condena a homossexualidade por ser a suposta causa principal da doença. Por outro lado, Luiza Tomita elabora uma análise teológica feminista do filme animado “Valente” (2012), trazendo à tona as possibilidades de subverter os tradicionais papéis de gênero atribuídos a meninas e mulheres e reforçados religiosa e midiaticamente na cultura.

A sessão resenhas nos apresenta duas publicações sobre religião e sexualidade. Uma das publicações assume o difícil desafio de propor uma teologia *queer* no Brasil. A outra publicação debruça-se de modo mais geral sobre o sexo e sobre as formas em que ele é assumido na cultura ocidental, fortemente influenciada pelo cristianismo e sua “ética sexual”. Finalmente, o teólogo Andre Musskof concede à Mandrágora uma entrevista e responde a nossas perguntas sobre os desafios do mundo contemporâneo para a teologia e para o Brasil no que se refere aos temas de sexualidade. Refere-se, ainda, a seu último texto publicado “*Via(da)gens teológicas*” no qual tenta articular a Teologia da Libertação e a teoria *queer* em um discurso e prática teológica a partir da diversidade sexual no contexto brasileiro.

Por fim, termino esse editorial com a esperança de que os textos que compõem a presente edição permitam às leitoras e aos leitores criar pontes, estabelecer diálogos críticos e, sobretudo, construir discursos e práticas ousadas, e porque não, indecentes¹, no que se refere à sexualidade e à religião. Boa leitura!

¹ Ao estilo Marcella Althaus-Reid. Cf. ALTHAUSS-REID, Marcella. La teología indecente: perversiones teológicas en sexo, género y política. Barcelona, Ediciones Bellatierra, 2005.